

Washington Albuquerque
Mestrando em Cinema e Artes do Vídeo (PPG-CINEAV/UNESPAR), pós-graduado em História da Arte (ESTÁCIO DE SÁ), bacharel em Publicidade e Propaganda (UNICURITIBA). Bolsista CAPES-DS. Designer multidisciplinar e filmmaker no Masdon Studio. Game designer na Odd Press.

MELANCOLIA PÓS-MODERNA CONTEMPLATIVA: A SOLIDÃO EM *GHOST DOG* (1999), *ONLY LOVERS LEFT ALIVE* (2013) E *PATERSON* (2016)

RESUMO

Este estudo investiga a intersecção entre solidão na contemporaneidade e sua representação cinematográfica, a partir da noção de "melancolia pós-moderna contemplativa". Analisa-se a desconexão e introspecção dos indivíduos diante da superficialidade da sociedade pós-moderna, bem como o papel da arte, filosofia e poesia como "pontes" para a reconexão. O foco recai sobre três filmes de Jim Jarmusch — *Ghost Dog* (1999), *Only Lovers Left Alive* (2013) e *Paterson* (2016) —, examinando como seus personagens vivenciam a solidão e elaboram estratégias de (re)significação. O referencial teórico articula o pós-modernismo de Fredric Jameson (1997), a concepção de melancolia em Julia Kristeva (1989) e a teoria do prazer da imagem de Laura Mulvey (1975). Metodologicamente, a pesquisa adota a análise filmica proposta por Manuela Penafria (2009), com ênfase na decomposição de cenas e nos recursos visuais que constroem a atmosfera contemplativa. Busca-se, assim, compreender como o estilo singular de Jarmusch revela a solidão como elemento central de suas narrativas e a contemplação estética como forma de ressignificação diante do vazio pós-moderno.

Palavras-chave: Solidão; Realismo; Contemplação; Estilo Cinematográfico; Jim Jarmusch.

CONTEMPLATIVE POSTMODERN MELANCHOLY: SOLITUDE IN *GHOST DOG* (1999), *ONLY LOVERS LEFT ALIVE* (2013), AND *PATERSON* (2016)

ABSTRACT

This study investigates the intersection between loneliness in contemporary society and its cinematic representation through the notion of "contemplative postmodern melancholy." It examines the disconnection and introspection of individuals in the face of postmodern superficiality, as well as the role of art, philosophy, and poetry as "bridges" for reconnection. The focus lies on three films by Jim Jarmusch — *Ghost Dog* (1999), *Only Lovers Left Alive* (2013), and *Paterson* (2016) — analyzing how their characters experience loneliness and develop strategies of (re)signification. The theoretical framework combines Fredric Jameson's (1997) postmodernism, Julia Kristeva's (1989) conception of melancholy, and Laura Mulvey's (1975) theory of visual pleasure. Methodologically, the research adopts Manuela Penafria's (2009) film analysis approach, emphasizing scene decomposition and the visual resources that construct a contemplative atmosphere. Thus, it seeks to understand how Jarmusch's distinctive style portrays loneliness as a central element of his narratives and aesthetic contemplation as a means of resignification in the face of postmodern emptiness.

Keywords: Solitude; Realism; Contemplation; Cinematic Style; Jim Jarmusch.

Este artigo passou por avaliação por pares cega e *software* anti-plágio.



LICENÇA ATRIBUIÇÃO NÃO COMERCIAL 4.0 INTERNACIONAL
CREATIVE COMMONS – CC BY-NC

INTRODUÇÃO

As obras de Jim Jarmusch frequentemente apresentam uma complexidade que desafia uma análise simplista, revelando uma pluralidade de elementos culturais e existenciais que se entrelaçam em seu estilo cinematográfico singular. Desde filmes como *Permanent Vacation* (1980) e *Stranger Than Paradise* (1984), o diretor vem construindo personagens *outsiders*¹, que encarnam convergências culturais e uma notável desconexão com o ambiente e as convenções sociais contemporâneas. Este artigo propõe explorar essa desconexão através da lente da "melancolia pós-moderna contemplativa", uma expressão que busca capturar a solidão, a introspecção e a busca por sentido que permeiam as narrativas de Jarmusch.

A questão que impulsiona esta pesquisa reside na observação de que os personagens de Jarmusch, mesmo imersos em um contexto de superficialidade e crise de identidade cultural características da pós-modernidade, manifestam uma solidão profunda e uma tendência à introspecção que os desconecta da realidade convencional. Assim, a problematização central deste estudo é: como essa solidão se manifesta e quais "pontes" (como a arte, a filosofia e a poesia) esses personagens utilizam para buscar reconexão e significado em suas realidades?

Para explorar uma possível resposta, esta pesquisa vai analisar a representação da solidão e da introspecção nos filmes *Ghost Dog* (1999), *Only Lovers Left Alive* (2013) e *Paterson* (2016) de Jarmusch, buscando compreender como a "melancolia pós-moderna contemplativa" se constitui como um aspecto fundamental do estilo cinematográfico do diretor. Para isso, serão examinadas as interações entre a melancolia – como a "perda do objeto" (físico ou imaterial) que molda o comportamento e a busca por sentido, segundo Julia Kristeva (1989) –; o pós-modernismo – com sua superficialidade e falta de profundidade dos sujeitos e de seus ambientes, discutido por Fredric Jameson (1997) –; e o prazer pela imagem – que figura

¹ *Outsider* segundo o dicionário online Cambridge é "uma pessoa que não está relacionada a um grupo particular de pessoas ou organização ou não vive em um lugar em particular" (tradução minha). Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/outsider>>. Acesso em 20 jul. 2024.

a relação entre a contemplação visual e a formação da autoconsciência, elaborado por Laura Mulvey (1975).

Para alcançar os objetivos propostos, este estudo adota uma abordagem de análise de filmes que se insere no campo da “análise da imagem e do som”, conforme delineado por Manuela Penafria (2009). Essa metodologia foca na identificação e interpretação de conceitos cinematográficos específicos, como o uso do enquadramento, composição e montagem, e indo além da crítica superficial, se constituindo em um processo de decomposição e interpretação detalhada de elementos visuais e sonoros de um filme. “Com este tipo de análise encontramos, sobretudo, o modo como o realizador concebe o cinema e como o cinema nos permite pensar e lançar novos olhares sobre o mundo [...]” (Penafria, 2009, p. 7). Ao alinhar-se a essa perspectiva, esta pesquisa é realizada através da decomposição detalhada de cenas selecionadas dos três filmes, buscando identificar os recursos visuais que constroem a “melancolia pós-moderna contemplativa” e a relação dos personagens com seu ambiente e consigo mesmos. Essa abordagem permite uma observação atenta e detalhada dos aspectos visuais que conformam a experiência fílmica.

A CONTEMPLAÇÃO

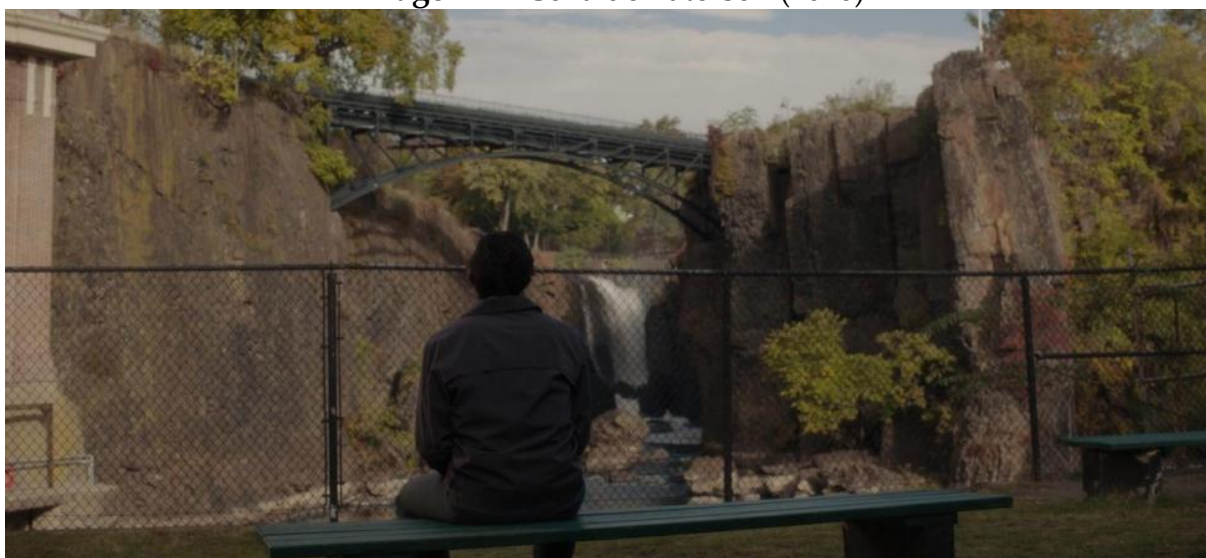
Começar pelo fim se faz necessário para provocar a relação existente entre os personagens dessas obras, presentes no mundo ficcional, e o espectador, presente no mundo real, que se cria a partir do prazer através do olhar, da contemplação. Fica fácil figurar isso quando imaginamos uma paisagem exuberante, um cenário com cores e elementos nostálgicos, ou qualquer outra situação visual que capte nossa atenção estimulando o imaginário e a empatia; “é uma imagem que constitui a matriz do imaginário, do reconhecimento/falso reconhecimento da identificação”² (Mulvey, 1975, tradução minha). Quando Mulvey se refere à matriz do imaginário, tomamos o conjunto de representações que formam a percepção do mundo (e de si mesmo), que no cinema, são uma versão estilizada ou idealizada da realidade.

² “[...] it is an image that constitutes the matrix of the imaginary, of recognition/misrecognition and identification”.

Tanto Paterson, da obra homônima, quanto Adam e Eve de *Only Lovers Left Alive* atravessam algumas vezes pelo momento de silêncio e observação, no qual “colide com os primeiros indícios de autoconsciência. Então nasce o longo caso de amor/desespero entre a imagem e a autoimagem”³ (Mulvey, 1975, tradução minha). Quando Paterson observa os objetos do seu dia a dia e as paisagens e situações enquanto transita pela cidade, por vários momentos ele se coloca nesse estado contemplativo, de apreciação da imagem diante de si.

A partir das imagens, eles constroem suas poesias apoiadas pelo resgate da memória e emoções que nutrem esse conjunto de representações colocadas no filme como sua realidade. A grosso modo, utilizando longos planos e elementos de *mise-en-scène* e profundidade de campo que “coloca o espectador numa relação com a imagem mais próximo do que a que ele mantém com a realidade” (Bazin, 1991, p. 77), Jarmusch nos permite vislumbrar a paisagem observada por Paterson. Assim compreendemos, mesmo que superficialmente, a profundidade da contemplação que o personagem tem com a imagem, que é emulada e estimulada em nossa imaginação.

Imagem 1 - Cena de Paterson (2016)



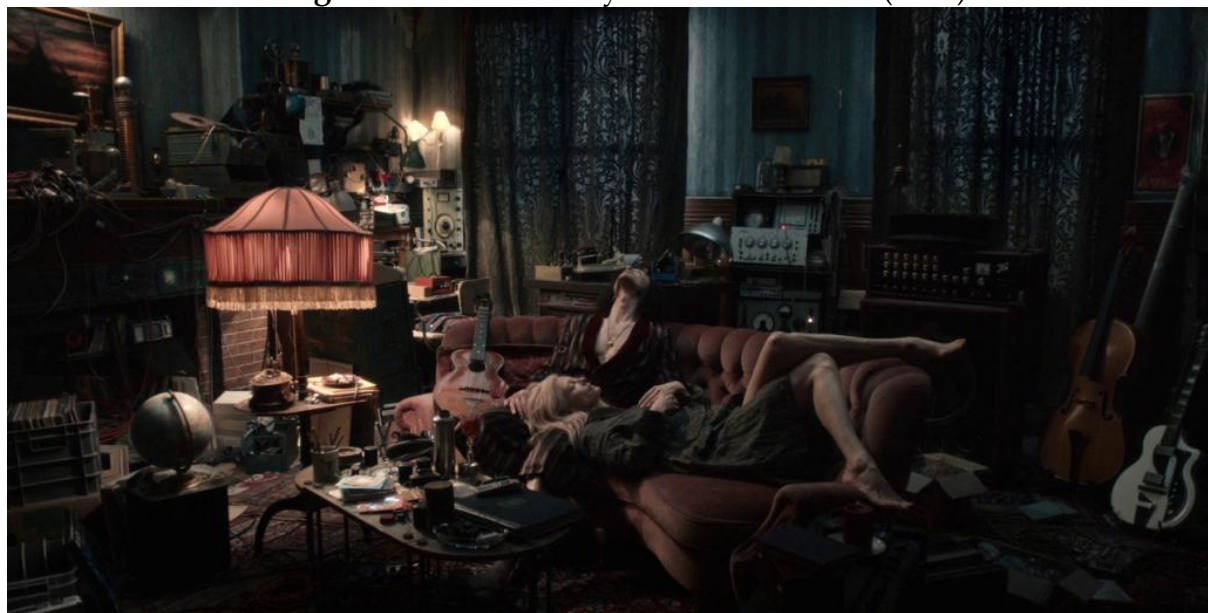
Fonte: Acervo do autor

³ “[...] collides with the initial inklings of self-awareness. Hence it is the birth of the long love affair/despair between image and self-image”.

A autoconsciência formal dos filmes fomenta o distanciamento, mas seus enredos e qualidades atmosféricas encorajam a imersão em seu mundo ficcional. São realistas e investidos em detalhes cotidianos, mas também rigorosamente estilizados; apresentam um mundo que é imediatamente reconhecível, mas também fantástico e intertextual, com personagens e situações extraídos de histórias, filmes e músicas preexistentes. (Suárez, 2007, p. 05, tradução minha)⁴

Adam e Eve, apesar de não responderem à contemplação através de poesias, são reativos a ela. Ainda através de técnicas semelhantes, mesmo que usando composições de *mise-en-scène* mais lúdicas para dar volume para características dos personagens (como a sala de Adam), podemos ver a relação de Adam com objetos e paisagens traduzidas pelo seu comportamento, que aqui carrega tanto o amor quanto o desespero citado por Mulvey, sendo um amante da materialidade e, ao mesmo tempo, cultivando um desdém pela existência ao se colocar em uma posição de alguém que mantém apenas emoções momentâneas pela contemplação.

Imagem 2 - Cena de Only Lovers Left Alive (2013)



Fonte: Acervo do autor

⁴ No original: "The formal self-consciousness of the films fosters detachment, but their plots and atmospheric qualities encourage immersion in their fictional world. They are realistic and invested in quotidian detail but also rigorously stylized; they present a world that is immediately recognizable but also fantastic and intertextual, with characters and situations drawn from preexisting stories, films, and songs."

Eve tem uma maneira completamente contrária de reagir ao mundo, colocando sua imortalidade como um potencializador de oportunidades para encontrar momentos de contemplação através das artes e do nomadismo.

Em Ghost Dog, o personagem homônimo encontra na filosofia samurai uma possibilidade da articulação do “Eu”, traduzindo essa autorreflexão e criação de identidade através das leis que articulam sua vida contempladas a partir das imagens testemunhadas em seu cotidiano. Jarmusch ilustra isso nesse filme, semelhante a Paterson, através de textos na tela e a relação com a montagem.

Imagem 3 - Cena de Ghost Dog (1999)



Fonte: Acervo do autor

A MELANCOLIA

Observando esses quatro personagens, nota-se que há um vazio presente, uma ausência. Paterson e Eve, em um primeiro momento, pela forma como ele se relaciona com sua esposa, e ela a partir do seu comportamento de deslumbre pela aventura em busca de experiências, parecem se afastar brevemente da introspecção explícita em

Ghost Dog e Adam, que refletem em suas expressões e ações o isolamento, reservando para si suas vivências, ideias e hábitos. Mas para analisarmos todos eles igualmente diante do estado de melancolia, tomamos esse estado como a perda do objeto através do pensamento de Julia Kristeva, assumindo o objeto não apenas como algo físico, mas também imaterial.

A partir daí tentaremos extrair o que, no seio do conjunto melancólico-depressivo, por mais imprecisos que sejam os seus limites, depende de sua experiência comum da perda do objeto, bem como de uma modificação dos laços significantes. (Kristeva, 1989, p. 16).

Julia dialoga sobre a melancolia e a depressão guiadas pelas suas semelhanças, e assume que o conjunto de experiências e sintomas que caracterizam essas condições são originadas por variados motivos, assim resumindo o efeito principal dessas como a perda do objeto, que pode ser caracterizada pela perda de uma pessoa, um objeto ou até mesmo uma ideia ou um laço significativo, o que reflete na construção do comportamento do sujeito.

Adam e Eve, apesar de serem um casal, mantêm uma relação a distância há anos, e precisamos considerar, nesse caso, o fator tempo. Ambos são vampiros, portanto a sua perspectiva temporal se afasta da nossa, sendo para eles os séculos semelhantes a décadas para nós. Adam se encontra em um presente onde exprime sua desconexão com o mundo a partir do desprezo pelos seres humanos e prazeres mundanos. Em uma das cenas, Eve encontra uma arma calibre .38 que Adam conseguiu com um amigo, além da arma, existe também uma bala feita de uma madeira especial que seria capaz de matar um imortal, intencionando sua perspectiva suicida.

Imagem 4 - Roteiro Only Lovers Left Alive (2013)

ADAM
(sullenly)
That bullet's just
for...reassurance.

He quietly sets the gun on the table next to the doctors bag.

EVE
To reassure you of what? Your own
mortality? Your fragility? What,
Adam? (Then, shaking her head in
dismay) You know, in nature,
survival is always more difficult
for the predator than its prey.
Fewer wolves than deer. Fewer
hawks than rabbit. Fewer bats than
insects.

ADAM
Yeah, well it's humans I'm sick of.
And their fucking fear of their own
imagination.

Fonte: Acervo do autor

Ao mesmo tempo que Adam nutre esse desejo e, isolado em seu apartamento em meio a uma cidade industrial abandonada em Detroit, introspectivo ao seu modo, ele ainda tenta se conectar com o mundo através da sua arte, como que uma ação primitiva ao ser de não se apagar em sua própria realidade.

Em contraponto, Eve resgata na sua história e da humanidade, fragmentos da sua experiência que refletem sua paixão pela arte, pelo conhecimento e pelas conexões - mas ainda se mantém em um estado de sofrimento a cada momento, após o prazer da imagem formada pela memória e do instante presente, por entender que o tempo está tomando tudo dela, menos o seu próprio tempo.

Kristeva elogia a obra O Corpo do Cristo Morto na Tumba de Hans Holbein apontando um equilíbrio entre a representação da perda do corpo material - da morte - e a transcendência espiritual, visualizando uma tristeza e melancolia em sua complexidade sem excessos.

Permanece a corda bamba - como o cadáver representado - de uma imaginária econômica, parcimoniosa, da dor retida no

recolhimento solitário do artista e do espectador. A essa tristeza serena, desiludida, nos limites do insignificante, corresponde uma arte pictural de uma sobriedade e de um despojamento máximo. Nenhuma festa cromática, mas um domínio da harmonia e da medida. (Kristeva, 1989, p. 127).

A melancolia em Paterson é sutil, mais assertivamente podemos observar através do seu ritmo. A serenidade na vida do personagem permite que ele encontre a beleza e desvele novos significados para o que testemunha na vida ordinária a cotidiana, tal como uma “dor retida no recolhimento solitário”, a poesia que Paterson cria flui em seus momentos de reflexão solitária, expressadas por emoções e pensamentos contidos e introspectivos. Há também um afastamento das ansiedades contemporâneas, uma resignificação que se dá através do seu instrumento criativo, o caderno onde escreve seus poemas através de uma prática dedicada, simples e despojada.

Imagem 5 - Cena de Paterson (2016)



Fonte: Acervo do autor

As poesias de Paterson são sua leitura do mundo ao seu redor, uma transição entre o seu estado de isolamento e o contato com a realidade, e que se faz de maneira

que na reflexão acerca da obra de Holbein, é como a “arte pictural de uma sobriedade e de um despojamento máximo”.

Ao olharmos para Ghost Dog e sua relação com o Hagakure, há uma estranheza que vai além do atravessamento da identidade cultural refletida nesse personagem, mas também reflete a desconexão dele com alguns aspectos da realidade em que vive, buscando na filosofia oriental uma base de valores e ética que servem como uma ponte para a interação de Dog com o mundo e as pessoas. Essa ponte permite com que ele mantenha um determinado nível de relacionamento, emulando uma normalidade, mas ainda sem mascarar o seu ser introspectivo e isolado.

Imagem 6 - Cena de Ghost Dog (1999)



Fonte: Acervo do autor

A PÓS-MODERNIDADE

Expandindo a visão para a realidade além tela, a pós-modernidade é um alicerce para esse pensamento ao pensarmos sobre os modos de vida refletidos nos filmes. O ritmo da evolução tecnológica, do crescimento do mercado e dos padrões de

vida moldam nossas perspectivas e nossas relações com os objetos - tomados ainda como pessoas, objetos (literal) ou mesmo ideias, pensamentos e emoções.

Esse potencial evolutivo sobre nosso comportamento provoca discussões sobre como nos distanciamos de outras pessoas devido às práticas do relacionamento no ciberespaço, como consumimos informação e realizamos a troca de experiências, o quão menos populosos estão determinados ambientes enquanto mais populoso está o planeta.

Toda essa conversa pode ser traduzida a partir da superficialidade e da falta de profundidade, que são pilares de Fredric Jameson ao discutir comportamento e olhar para a arte na pós-modernidade.

Minha posição vai focar cada um dos seguintes elementos constitutivos do pós-moderno: uma nova falta de profundidade [...], um conseqüente enfraquecimento da historicidade [...], um novo tipo de matiz emocional básico (Jameson, 1997, p. 32).

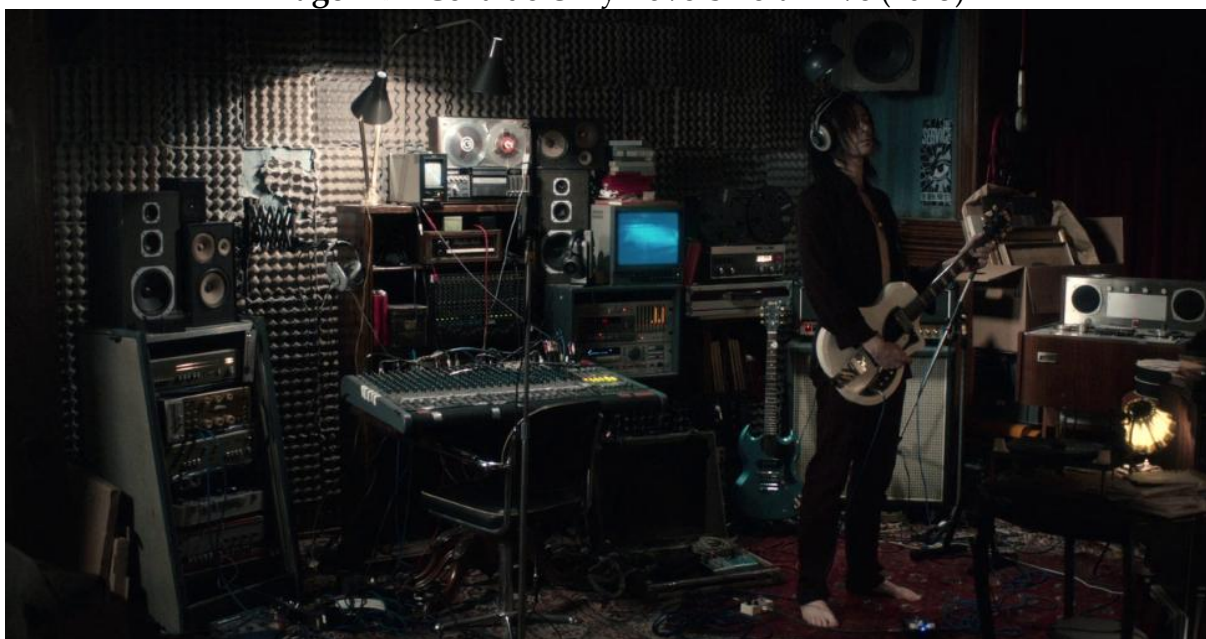
Em *A Lógica Cultural do Capitalismo Contemporâneo a Partir da Obra de Fredric Jameson*, a autora Luciana Silvestre Girelli torna explícita essa volatilidade que se dá através da conexão do sujeito versus mundo versus objeto, destacando a despreocupação da profundidade empregada nas próprias expressões artísticas como uma característica da pós-modernidade. “A expressão dessa característica na teoria contemporânea é o repúdio aos modelos fundamentais da profundidade [...]” (Girelli, 2011, p. 53).

Voltando à tela, existe a personificação desse sujeito característico do pós-modernismo, o qual se encontra nesse estado de fragmentação e crise de identidade - encontrando, através das suas pontes (contemplação sustentada pela arte e filosofia - observemos os poemas de Paterson, o Hagakure em *Ghost Dog* e o fazer ou consumir arte entre Adam e Eve), uma possibilidade de reconexão com o mundo e busca pelo objeto.

Adam utiliza a música para expressar seus sentimentos e ideias, uma vez que parcialmente desconectado da realidade pela anestesia da imortalidade e desprezo dos

caprichos dos mortais, se torna o ponto de contato com o mundo e que ainda sustenta a sua identidade, a sua posição e significado - simbólico e existencial. Ainda que esse personagem pareça expressar esse afastamento, há uma contaminação inegável de um amor pela arte e pela matéria, que figura um tipo de embate entre seu desejo pelo isolamento e melancolia, e a pulsão criativa e contemplativa.

Imagem 7 - Cena de *Only Lovers Left Alive* (2013)



Fonte: Acervo do autor

Assim, Eve, em uma espécie de caminho contrário, se esforça para manter essa conexão, nutrindo sua curiosidade e contemplação consciente da criação e do ordinário, seja através de livros, pinturas, de habitar espaços tão diferentes quanto as pessoas que os ocupam e através do resgate da memória, assumindo uma máscara de prazer a imaginação.

Colocando de lado a imortalidade, em Paterson encontramos o esforço para se excluir do sistema pós-moderno, a negação ao ritmo de vida que se faz pelo “aparecimento de um novo tipo de achatamento ou de falta de profundidade, um novo tipo de superficialidade [...]” (Jameson, 1997, p. 35), e pela busca e prática de uma vida fundada pela monotonia do cotidiano, pela repetição e serenidade. Há uma

sublimação da melancolia através da criação poética que Paterson encontra em seus momentos de solidão, uma maneira de se relacionar com o que ele vê e o que sente. Como resultado, essas expressões demonstram sua vontade indireta de se conectar com o mundo e as pessoas, mas sem ter uma participação que desconfigure a rotina que ele busca.

Nesse sentido, *Ghost Dog* se posiciona também fora das amarras do ritmo pós-moderno, se apoiam sobre o *Hagakure* como uma forma de significar a sua existência e sua identidade. A possível alienação proposta sobre a sua memória (tomamos aqui duas cenas com diferentes representações do mesmo evento, nas quais Dog visualiza Louie o defendendo de agressores, enquanto Louie se recorda da sua ação como uma autodefesa, tendo como resultado a salvação de Dog), é uma das veias melancólicas que configuram sua introspecção, e uma força que o coloca em direção de ressignificações de elementos do seu cotidiano.

Através das reflexões com o *Hagakure*, Dog norteia suas ações dando novos sentidos para a filosofia, mantendo uma relação objetiva com as pessoas e tendo a tecnologia a nível essencial, o livro não serve apenas como um instrumento de valores, mas também uma forma de lidar com a perda de sentido, da identidade e da conexão com a sociedade contemporânea. E em uma perspectiva reativa, a sublimação da sua melancolia pode ser ilustrada através dos seus atos de violência e lealdade, representados para ele como a sua arte, sua expressão, além do dever.

Imagem 8 - Cena de Ghost Dog (1999)



Fonte: Acervo do autor

CONSIDERAÇÕES

O pós-modernismo carrega algumas de suas principais características através dessas narrativas evidenciando uma espécie de resistência por parte dos personagens, que não se entregam aos exageros do cotidiano, a complicações das arquiteturas sociais, ao consumo desnaturalizado e principalmente ao fator temporal. Eles criam suas próprias normas, suas leis de existência diante desse descontrole e se colocam nas margens com um olhar atento, ao mesmo tempo, que olhando para a natureza de cada personagem, há a possibilidade de que mesmo com esforço e intenção, eles não se encaixam nos padrões.

Ghost Dog construiu seus valores e sua ética através do Hagakure, e apesar de beber da cultura afro-americana e viver em um espaço urbano, não há uma conexão real entre ele e os demais elementos, existe uma simulação a partir de pontos, como sua filosofia de vida e código moral advinda do contato com Hagakure, além do consumo de artefatos culturais, como literatura, a qual ele partilha eventualmente com a personagem Pearlina.

Sua relação com a cidade, as pessoas e mundo como um todo, são potencializadas, assim como com Paterson, Eve e Adam, através da observação minuciosa, da contemplação a partir das suas conchas, do seu isolamento e melancólico, do seu estado introspectivo e reflexivo.

Em *Sol Negro*, Kristeva toma as palavras de Walter Benjamin apontando uma perspectiva sobre o efeito da melancolia, e expandindo o trecho citado pela autora, podemos encontrar nele um pensamento com poder de delinear uma matriz para a “melancolia” desses personagens.

A tristeza (Trauer) é o estado de espírito em que o sentimento dá nova vida, como uma máscara, ao mundo deserto, a fim de gozar a sua visão com um prazer misterioso. Todo o sentimento está ligado a um objeto a priori, e a sua fenomenologia é a apresentação desse objeto. A teoria da tristeza, na medida em que aparecia visivelmente como a contrapartida da teoria da tragédia, só pode, portanto, desenvolver-se na descrição desse mundo que se abre ao olhar do melancólico. Com efeito, os sentimentos, por mais indistintos que possam parecer à introspecção, respondem, como comportamento motor, a uma estrutura objetual do mundo.” (Benjamin, 1985, p.150-151, tradução minha)⁵

Assim, o objeto perdido acaba por moldar a personalidade dos personagens, e a partir da introspecção e isolamento, eles conseguem acessar uma nova verdade sobre o mundo, uma experiência de um “prazer misterioso” ao contemplar sua visão de mundo.

O objeto de *Dog* se assume como a identidade, a qual ele busca encontrar-se com a filosofia oriental e atritos multiculturais que expandem a sua perspectiva de mundo. Paterson encontra na repetição o silêncio e a previsibilidade, momentos em que ele pode intencionalmente recolher-se a si mesmo sem medo do extraordinário, pois ele sabe que está em uma espécie de zona segura. Através dessa experimentação

⁵ No original: “La tristesse (Trauer) est la disposition d'esprit dans laquelle le sentiment donne une vie nouvelle, comme un masque, au monde déserté, afin de jouir à sa vue d'un plaisir mystérieux. Tout sentiment est lié à un objet a priori et sa phénoménologie est la présentation de cet objet. La théorie de la tristesse, dans la mesure où elle apparaissait visiblement comme le pendant de la théorie de la tragédie, ne peut donc se développer que dans la description de ce monde qui s'ouvre au regard du mélancolique. Car les sentiments, aussi flous qu'ils puissent sembler à l'introspection, répondent, comme comportement moteur, à une structure objectale du monde.”

ele exercita o olhar e outros sentidos dando formas e palavras para o que está sentindo, desnudo apenas para si mesmo.

Adam e Eve parecem opostos de uma mesma moeda, mas que tem seu objeto como o tempo. Adam é corroído pelos desprazeres, sua autoconsciência se dá pelo desespero do tempo que passou e reflexões além, de sua própria persona, que parecem o punir pelos erros da humanidade, e mesmo que ele tente se colocar em uma posição autodestrutiva, permanece apenas na autodepreciação, pois a sua reclusão e melancolia são potencializadas pelo olhar contemplativo involuntário, a necessidade de expressão que resulta na sua arte. E Eve, mesmo empurrada para fora dos padrões do pós-modernismo pela sua própria natureza, se opõe à prática da superficialidade com um olhar profundo sobre a arte e a contemplação.

Esses personagens se apoiam na memória e na emoção para formatar imagens da realidade que encaram, uma percepção do mundo em que estão e uma construção, projeção de si mesmos, e que assumem novas significações enquanto buscam pelo objeto. O estado contemplativo se dá para além do olhar, mas da própria reflexão e a introspecção acaba por ser a ferramenta de prazer/desprazer e busca pela identidade.

A “melancolia pós-moderna contemplativa”, observada a partir dessas três obras e buscando criar esse ponto comum entre quatro personagens tão distintos do cinema de Jarmusch, se expressa para capturar e refletir o vazio, a ausência de algo, a perda do objeto que impede com que esses personagens tenham uma relação tradicional com suas realidades. Esse vazio é um reflexo da pós-modernidade, marcada pela fragmentação e falta de profundidade das experiências e do saber, e que mesmo condicionando esses personagens, ela é contraposta por esforços deles ao encontrar significado para suas “dores” através da contemplação e expressão, seja essa através da espada, das palavras ou do sangue.

REFERÊNCIAS

BAZIN, André. **O Cinema - Ensaios**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BENJAMIN, Walter. **Origine Du Drame Baroque Allemand**. Paris: Flammarion, 1985.

GIRELLI, Luciana S. **A Lógica Cultural do Capitalismo Contemporâneo a partir da Obra de Fredric Jameson**. Disponível em:

<<https://biblioteca.incaper.es.gov.br/digital/bitstream/item/789/1/DISSERTACAO-LUCIANA-SILVESTRE.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2024.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural e Diáspora**. Comunicação e Cultura, nº1, 2006. Disponível em:

<<https://revistas.ucp.pt/index.php/comunicacaoecultura/article/view/10360/10020>>. Acesso em 20 jul. 2024.

JAMESON, F. **Pós-modernismo - a lógica cultural do capitalismo tardio**. Tradução: Maria Elisa Cevasco; Tradução: Iná Camargo Costa. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Ática, 1997.

KRISTEVA, Julia. **Sol Negro - Depressão e Melancolia**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1989.

MULVEY, Laura. **Screen (1975) - Visual pleasure and narrative cinema - The Alfred Hitchcock Wiki**. Disponível em: <[https://the.hitchcock.zone/wiki/Screen_\(1975\)_-_Visual_pleasure_and_narrative_cinema](https://the.hitchcock.zone/wiki/Screen_(1975)_-_Visual_pleasure_and_narrative_cinema)>. Acesso em: 19 jul. 2024.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)**. In: Congresso da SOPCOM: Sociedade dos Media: Comunicação, Política e Tecnologia. Lisboa: abr. 2009.

SUÁREZ, Juan A. **Jim Jarmusch**. Champaign: University Of Illinois Press, 2007.